

Sacilotto
volta a expor
em São Paulo

Sacilotto reativa ateliê e ganha mostra

O pintor andreense, pioneiro da arte abstrata, abre na quarta retrospectiva em S. Paulo e lamenta não ver suas obras expostas no Grande ABC

ORLANDO MARGARIDO
Da Redação

Abalado por um recente derrame cerebral, ocorrido no ano passado, o pintor andreense Luís Sacilotto, 71 anos, ganha uma expressiva homenagem no seu retorno aos pincéis. Na quarta-feira, o Escritório de Arte Sylvio Nery da Fonseca, em São Paulo, inaugura exposição individual de 28 obras do artista, pioneiro da arte abstrata no País. As chamadas *Concreções* trazem à tona um marco da história da pintura brasileira, o Grupo Ruptura (52), integrado por Sacilotto.

Há mais o que se comemorar além da retrospectiva. Sacilotto luta em fisioterapia para dar à mão direita a velha desenvoltura. "Por sorte não perdi a memória", diz resignado.

Na entrevista a seguir, concedida em seu ateliê de ordem franciscana, o seguidor de Kandinski e Malevitch lamenta a raridade de mostras completas como essa, principalmente no Grande ABC. "A última foi em 80, no MAM, em São Paulo; na região só pequenas e esparsas". A seguir, trechos da entrevista:

Diário — O sr. já voltou a pintar?

Luís Sacilotto — Estou me recuperando devagar. Por sorte não perdi a memória. Ainda não tenho a mão firme, faltam os impulsos. Precisão é o que mais necessito para a obra concretista. São desenhos milimétricos, de uma matemática de sensibilidade, baseada na geometria vista.

Diário — Talvez essa precisão tenha vindo de seu início na arquitetura e no trabalho gráfico. Uma curiosidade foi seu ofício de escrever em holerites.

Sacilotto — Na arquitetura, trabalhei no escritório de Jacob Ruchti. Lá conheci a revista *Art and Architecture*, na qual vi pela primeira vez Mondrian, Malevitch e outros. Trabalhei com Villanova Artigas. Mas foi meu trabalho com holerites numa empresa em Santo André que me influenciou e me treinou para o grafismo.



CASA DE FERREIRO

Sacilotto em seu ateliê, a poucos metros do Museu de Santo André, local que não possui obra do pintor.

Diário — A sua exposição coincide com a mostra do Grupo Santa Helena, em São Paulo. Alguns de seus integrantes tiveram contato com o Grupo Ruptura.

Sacilotto — Alfredo Volpi, Mario Zanini e Rebolo, que foi o aglutinador do grupo. Volpi chegou a expor conosco em 1967. Zanini foi abstrato em uma fase. Bonadei chegou a ter influência nossa. Foi um grupo que se aproximou pelo econômico, eles se ajudaram financeiramente.

Diário — E a razão da formação do Ruptura?

Sacilotto — Era uma razão estética. O Santa Helena tinha o Palacete Santa Helena, na Praça da Sé e nós a Biblioteca Mário de Andrade, na Consolação. Lá discutíamos de tudo, eramos abertos. O Santa Helena se fechava em si.

Diário — Qual o contato hoje com Maurício Nogueira Lima ou Hércules Barsotti, remanescentes do grupo?

Sacilotto — São pessoas como aqueles amigos que vão passando pela vida, cada um numa fase. Não estamos tão juntos mais. O grupo acabou em 1963.

Diário — Com quem o sr. dialoga hoje no circuito das artes plásticas?

Sacilotto — Ianelli é um concreto que seguiu nossos passos. O próprio Fiaminghi que é um seguidor nosso está agora na Galeria São Paulo. Vejo também uma arte objetiva em Daniel Senise e Jac Leirner.

Diário — É mais fácil ver Sacilotto nos Jardins, em São Paulo, do que em Santo André.

Sacilotto — Moro há alguns quarteirões do Museu de Santo André, que não tem nenhuma obra minha. Não é irônico?

Artista foi caçado pelo Dops

Da Redação

Na calma e ordem franciscana do ateliê de Luís Sacilotto, em Santo André, um objeto quebra a linearidade das obras expostas ali. Uma escultura em ferro, projetada com precisão geométrica, chama atenção pela deformidade e perfurações em sua estrutura. A origem da obra tem forte significado para Sacilotto. Foi idealizada nos anos 60 em protesto ao regime militar, período no qual o artista foi procurado pelo Dops e precisou se recolher do circuito das artes. "Eu não ti-

nha nenhum general amigo, fiquei quietinho em Santo André", lembra.

Nos anos de sumiço forçado, Sacilotto voltou aos seus trabalhos em fábricas de alumínio, que depois renderiam influências nos anos 70. O enrosco com a polícia política veio principalmente em função das chamadas esculturas de corte e dobra. "Fiz uma obra com uma lata de óleo da Castrol; acrescentei a palavra viva na escultura e apaguei a letra l do nome; imaginem eles lendo aquilo", relembra entre divertido e irônico. (OM)

Exposição apresenta 28 obras

Da Redação

O convite para a retrospectiva *Sacilotto - Obras Seleccionadas*, que será aberta na quarta-feira em São Paulo, partiu do marchand Sylvio Nery da Fonseca no final do ano passado. "Nos conhecemos desde a época do grupo Ruptura; já vimos uma exposição de Malevitch juntos, em Amsterdã", relembra Sacilotto. Nery priorizou na mostra a década de 50, marcada nas artes plásticas pelo início do Grupo Ruptura, que além do andreense contou com Lothar Charroux, Waldemar Cordeiro, Kasimir Fe-

jer, Leopoldo Haar e Anatol Wladislaw.

Na mostra estão 28 obras entre telas em esmalte sobre madeira, óleo sobre tela, esculturas e móveis. A série das *Concreções* é maioria. Destaca-se a *Concreção 7553* e a escultura *Concreção 5840*. Os dois primeiros números revelam o ano da obra e os seguintes a ordem de produção. (OM)

• **SACILOTTO - OBRAS SELECIONADAS** — De quarta até 24 de junho. De segunda a sexta, das 10h às 19h; sábados, das 10h às 13h. Escritório Sylvio Nery da Fonseca, rua Oscar Freire, 164, tel.: 64-3086.